

Notas sobre Debate desenvolvido na UFABC:

A pandemia da Covid-19 sob uma perspectiva filosófica e antropológica¹

1- Foi interessante para mim saber como o funeral mudou do século 18 até agora.

2- A pergunta bem importante é: qual é o lugar da morte na nossa sociedade? Eu pessoalmente não conheço esse aspecto cultural dos brasileiros, mas na minha cidade (que é por exemplo diferente da cidade da minha esposa, outra cidade no mesmo país) pessoas fazem muitas coisas depois de morte de uma pessoa. Por exemplo, meu primo ainda realiza uma cerimônia de luto anualmente para o pai dele, que morreu quase 30 anos atrás, e convida bastantes pessoas (geralmente mais de 50 e até 200) e até em alguns anos pessoas que vêm podem jantar na mesquita, onde a cerimônia está se realizando. Porém, na cidade da minha esposa, pessoas quase não fazem nada depois de um ou dois anos (depois um ano, somente a primeira família vai para o cemitério, e depois de dois ou três anos quase não há nada mais). Eu acredito que não precisa fazer nada e o melhor é que quem que está vivo continue a vida do melhor jeito. Queria falar que creio que a morte é uma etapa no ciclo e vamos ter algo depois. Porém isso não pode ser razão para fazer tantas cerimônias para quem morre.

3- Acredito que tratar os velhos de um jeito sem mérito somente porque eles não são produtivos economicamente é muito ruim! (26 min. do vídeo)

4- Foi interessante o que foi falado do Nietzsche, foi mais ou menos assim: o que você vai fazer de novo, o que você fez e vai deixar de fazer que já não fazia. O que você acha? Isso é maravilhoso ou terrível?

5- Finalmente, devo dizer que gostei muito da piada que foi falada (a pessoa que foi para o médico para perguntar como ter uma vida mais longa... :D).

Diário temático

O que é a missão da minha vida!

Já faz alguns anos que estou pensando nesta pergunta. De fato, antes de vir ao Brasil, tinha sempre muitas coisas para fazer e muitos amigos com quem passava

¹ UFABC. Pansarelli, Daniel; Santos, Acácio Sidnei Almeida. A pandemia da Covid-19 sob uma perspectiva filosófica e antropológica (V.3, N.4, P.7, 2020). Por Blog Ufabc Divulga Ciência · Abril 14, 2020. Disponível em: <<https://proec.ufabc.edu.br/ufabcdivulgaciencia/2020/04/14/a-pandemia-da-covid-19-sob-uma-perspectiva-filosofica-e-antropologica-v-3-n-4-p-7-2020/>> . Acesso em: 22 out. 2020.

bastante tempo. Então, não me lembro se já tinha pensado sobre esta pergunta antes de vir ao Brasil ou não. Porém, motivado pelo “Bani Adam”, que é um poema famoso do poeta iraniano Saadi Shirazi, desde a adolescência sempre tenho tido na minha cabeça que a principal missão do ser humano na vida é ajudar os outros, especialmente quando eles estão nos momentos difíceis.

Aqui está o poema:

(banī ādam a'zā-ye yek peykar-and) بنی آدم اعضای یک پیکرند
(ke dar āfarīn-aš ze yek gowhar-and) که در آفرینش ز یک گوهرند
(čo 'ozvī be dard āvarad rūzgār) چو عضوی به درد آورد روزگار
(degar 'ozvhā-rā na-mānad qarār) دگر عضوها را نماند قرار
(to k-az mehnat-ē dīgarān bīqam-ī) تو کز محنت دیگران بی غمی
(na-šāyad ke nām-at nahand ādamī) نشاید که نامت نهند آدمی

E aqui está uma tradução deste poema em português, que achei na Wikipedia:

*Os seres humanos são parte de um todo,
Na criação de uma essência e alma.
Se um membro sofre dor,
Outros membros permanecerão inquietos.
Se você não tiver simpatia pela dor humana,
Você não pode reter o nome de humano.*

Baseado neste poema, sempre tenho tentado ajudar os outros, mas o que é mais importante do que isso é a maneira pela qual nós os ajudamos. Porque algumas vezes nós só os estamos incomodando em vez de ajudá-los. Já aconteceu comigo que no meio de ajudar outras pessoas percebia que as estava incomodando. Além disso é bom saber o momento certo e a maneira correta de ajudar outras pessoas. Por exemplo, imagine que você está construindo sua casa, e um amigo, que também está construindo a casa dele, precisa de tijolos. Então, se você der-lhe os seus tijolos, poderá acontecer que você não vá conseguir acabar sua casa, e no futuro o amigo não vá lhe dar de volta os tijolos! Então, é melhor que primeiramente você termine sua casa e depois dê-lhe tijolos se ainda tiver.

Desde 2014, após eu chegar no Brasil, particularmente no início, não tinha quase nenhum amigo! Então, tinha bastante tempo para pensar neste assunto. Neste período, buscando no internet, encontrei um vídeo de Brendon Burchard, um autor americano, e assim foi destacada a pergunta na minha cabeça: o que é a missão da minha vida?

Acredito que cada pessoa tenha uma missão na sua vida; também acho que já nasceram e morreram muitas pessoas sem fazer nada para atingir essa missão ou até sem saber que cada pessoa tem uma missão pessoal. Também há muitas

pessoas vivendo nesse momento sem ter nenhuma ideia sobre isso e com certeza vão nascer e morrer muitas pessoas assim. Então, uma tarefa para cada pessoa é que saiba sobre isso, avise outras pessoas e as ajude a descobrir suas missões pessoais. Ou se pode dizer que uma parte da missão de cada pessoa é avisar outras pessoas sobre este assunto.

O que eu tenho feito até agora para descobrir minha missão não é significativo, pois ainda não sei o que é ela de verdade. Porém, já assisti a vários vídeos de Brendon ou outras pessoas, como Tony Robbins, do mesmo grupo, no qual geralmente pessoas falam sobre como podem ser mais bem-sucedidas. O que é muito legal é que geralmente essas pessoas enfatizam ajudar outras pessoas, o que está em harmonia com meu pensamento. Se eu quisesse falar sobre os princípios dessa missão de cada pessoa, diria:

- 1- Quando alguém precisar de ajuda, ajude-a tanto quanto for possível.
- 2- Seja saudável.
- 3- Seja uma pessoa rica.
- 4- Construa uma família grande e ensine-lhe esses princípios.

Há muito tempo, talvez mais de dois anos, ou seja, desde que minha filha querida nasceu, não tinha mais pensado sobre essa missão. De fato, quase tinha esquecido isso. Porém, quando foi pedido como um exercício de meu curso de português que escrevesse sobre isso, comecei a buscar na internet de novo e, neste caminho, achei uma pergunta muito boa: “qual legado você quer deixar para as próximas gerações?”. Acho que esta pergunta pode nos ajudar bastante a descobrir a nossa missão de vida.

O que já tenho ouvido várias vezes é que a nossa missão de vida é somente “ser humano”. Porém, acho que, embora seja fácil dizer isso, não é fácil entendê-lo, pois a palavra “humano” tem significados diferentes na cabeça de pessoas diferentes. Por exemplo, para mim, “ser humano” quer dizer que temos que sempre ser sorridentes, simpáticos, respeitar a natureza e servir outras pessoas de um jeito bom, independente de nossa posição e cargo. Porém, para outra pessoa, “ser humano” possa dizer “ser o dono de Terra”! Então, ela vai destruir qualquer coisa que quiser pois é dela! Então, não acho legal essa resposta!

Enfim, devo dizer que já faz alguns anos que estou pensando nesta pergunta. Algumas vezes focando mais e buscando pela internet, como em 2014, e algumas vezes quase esquecendo do assunto, como no ano passado. Acredito que não seja fácil encontrar a resposta certa ou talvez não haja resposta certa. Porém, podemos pensar nas outras perguntas como: “qual é meu objetivo de vida?”, ou “qual legado eu quero deixar para as próximas gerações?” Assim talvez estejamos no caminho certo.

—
História para uma criança

Como ajudar?

Pedro era um menino que gostava de ajudar os outros. Ajudar os irmãos e as irmãs a fazer as lições de casa, comprar pão para os vizinhos ou ajudar os velhos a levar as sacolas pesadas eram algumas das coisas que ele costumava fazer. De fato, muitas pessoas já tinham sido ajudadas por ele.

Quando ele tinha 8 anos, passou por uma série de coisas numa semana. Na segunda feira, perdeu o dinheiro que o vizinho lhe tinha dado para comprar pão. Quando voltou da padaria, tinha somente 5 pães, que eram o pedido da sua mãe. Vendo Pedro, o vizinho lhe perguntou se ele tinha comprado os pães que havia pedido. Pedro disse que tinha perdido o seu dinheiro, não conseguindo então comprá-los. O vizinho foi à mãe do Pedro, reclamando sobre isso. A mãe pediu desculpas ao vizinho e depois de o vizinho ter ido embora, a mãe repreendeu o filho, fazendo-o ficar triste.

No dia seguinte, que era terça-feira, os pratos quebraram enquanto Pedro os estava levando para a mesa do almoço, ajudando a mãe. Ao ouvir o barulho, a mãe veio à sala de jantar, viu-os quebrados e ficou brava com o filho, pois já lhe tinha dito que “prato de porcelana quebra” e pedido que levasse menos pratos a cada vez.

Na quarta-feira de noite, a irmã caçula de Pedro caiu e chorou muito quando ele a estava ajudando a conseguir andar sozinha. Ouvindo o choro do bebezinho, a mãe correu para lá e repreendeu Pedro, acabando por fazê-lo sentir-se arrependido. Ele foi ao seu quarto e fechou a porta sem dizer nada.

No dia seguinte, quinta-feira, voltando da escola, ele procurou o irmão mais velho, que tinha 12 anos. Pedro pediu ao irmão que o ajudasse a fazer as lições de casa, pois eram difíceis para ele conseguir fazê-las sozinho. Porém, surpreendendo-o, o irmão recusou, pois queria sair com alguns amigos para jogar futebol. De fato, ele já lhes tinha prometido que iria participar do jogo. O irmão lhe disse que, se Pedro quisesse, o ajudaria no dia seguinte de tarde. Porém, como as lições deviam ser entregues no dia seguinte de manhã, não tendo aceitado a sugestão, Pedro ficou triste nesse dia também.

Depois de terem acontecido tantas coisas ruins naquela semana até quinta-feira, ele foi ao seu quarto, sentou-se à escrivaninha e lembrou-se de todos os eventos, revendo-os. Pensando nisso, disse para si próprio que nunca mais ajudaria os outros.

No sábado, o pai veio ao Pedro e lhe perguntou se poderia ajudá-lo a escolher alguns contos.

— Contos! Para quem? Como possa te ajudar? - perguntou Pedro.

— Marcaram uma reunião para terça-feira de manhã na qual eu tenho de contar algumas histórias instrutivas para as crianças de quase sua idade. Então,

acabo de escolher algumas e você pode me ajudar a encontrar quais são mais atraentes para uma criança de sua idade.

Acabando de se lembrar do que tinha dito para si próprio no dia anterior, Pedro lhe falou que infelizmente não podia ajudá-lo, pois já tinha se decidido a não ajudar ninguém. Após ter dito isso, Pedro continuou:

— Pai, eu sempre gostei de ajudar os outros e nunca lhes tinha recusado nada quando me pediam para ajudá-los. Também, sempre tenho tentado respeitar os outros que me têm ajudado. Porém, aconteceu um monte de coisas nessa semana que me fizeram tão triste que resolvi não ajudar ninguém mais.

E assim Pedro lhe explicou tudo o que tinha acontecido durante a semana bem detalhadamente. O pai, que já estava ciente de alguns eventos, respondeu-lhe:

— Olha, filho, eu sei que você está triste pois sua mãe ficou brava com você várias vezes numa semana e seu irmão não te ajudou no momento que você lhe pediu. Porém, vamos ver os casos por um outro lado.

“No caso de perder o dinheiro; de fato, acho que seria melhor se o vizinho aceitasse que o dinheiro pudesse ser perdido no caminho, sem querer, e não fosse à sua mãe reclamando sobre isso. Também, seria melhor se sua mãe não te tivesse repreendido, pois era somente um acontecimento sem querer. É verdade que você queria ajudar o vizinho, comprando-lhe pão. Mas apesar de não ter-lhe comprado pão, você perdeu o dinheiro também, o que provavelmente o deixou zangado. Quando o vizinho chegou reclamando na porta, isso deixou sua mãe brava, levando-a a te repreender no momento. Então, se você pensar mais, poderá ver que a culpa inicialmente era sua. De fato, é importante que *quando alguém ajude os outros, aceite a responsabilidade*.

“No caso de pratos quebrados, pode-se falar também que a mãe ficar brava com você depois de ter os pratos quebrados não lhe faria bem. Porém, de novo, embora quisesse ajudar a mãe, você acabou com os pratos quebrados! Na verdade, *antes de ajudar os outros, devemos entender por que é que queremos ajudá-los e qual é o melhor jeito de fazê-lo*. De fato, *é melhor ajudar os outros como nos pediam, não como nós queríamos*. Seria melhor se você ajudasse a mãe levando os pratos aos poucos, do jeito que ela te tinha sugerido. Porém, você não a escutou e a ajudou de seu jeito, que não era um jeito apropriado. Pode-se ver que de novo a culpa inicialmente era sua.

“No caso em que sua irmã caiu, devo falar que *é bom que nós consideremos a nossa capacidade antes de ajudar os outros*. Acredito que pudesse acontecer uma coisa ainda pior enquanto você a estava ajudando a andar. E acho que sua mãe ficou nervosa vendo o bebezinho caindo e chorando, e isso a levou a te repreender.

“No caso em que seu irmão não te ajudou, como ele te disse, ele já tinha prometido aos seus amigos que iria participar do jogo. Entretanto, *é bom observar que os outros não são nossos servos até se nós já os tivermos ajudado várias vezes*. Então, *pode acontecer que eles não consigam ajudar-nos algumas*

vezes no momento. Também, é importante que ajudemos os outros para nos fazer felizes, sem esperar receber nada de volta no futuro.”

Assim, Pedro entendeu que a mãe, o vizinho e seu irmão não eram ruins e também aprendeu muito sobre como ajudar os outros e qual é o objeto verdadeiro no ato de ajudar os outros. Depois disso, Pedro estava sempre com o pai e ouvia vários contos instrutivos pelos quais aprendia muito mais lições de vida.

—

Comentários de Leitura: A princesa e o burro²

A primeira coisa que chamou minha atenção e me forçou a ler o conto foi o nome da cidade, isto é, Ispahan. De fato, o nome atual dessa cidade é Isfahan. Ela era a capital do país (atual Irã) por muitos anos entre os séculos XII e XV.

Eu acho que o conto é uma tradução de um conto em persa (ou talvez em árabe, pois a língua oficial no Irã foi o árabe por muitos anos). De fato, até agora, é bem comum no Irã que pessoas falem que uma menina é como “a lua crescente em sua décima quarta noite” quando ela é muito bonita, porém nunca tinha ouvido isso no Brasil até o momento. Ou também a frase “a luz de seus olhos”. Pessoas no Irã usam esta frase quando uma pessoa é muito querida para outra pessoa, mas nunca tinha ouvido isso no Brasil. Então, talvez fosse melhor se o tradutor usasse algumas frases parecidas no Brasil para estas partes³.

Duas coisas em comum entre este e outros contos é que sempre o gigantesco gênio parece o mesmo e também geralmente as gênios estão relacionados com Salomão, filho de Davi!

Acho que o autor poderia ter encontrado algum jeito melhor, com menos bagunça, para não deixar o rei “fazer a sesta no seu quarto”. Em outras palavras, o autor faz bastante bagunça para chegar a este ponto e isso é muito bom quando é um filme, porém eu não gosto de ler tantas coisas só para chegar a este ponto. Por exemplo, acho que os papagaios eram o bastante para não deixar o rei fazer a sesta no seu quarto.

Eu sei que era, é, e talvez, infelizmente, será comum que os escravos sejam negros⁴, porém acho que o autor poderia ter tirado a palavra “negros” para deixar o leitor imaginar os escravos no seu jeito preferível.

² A princesa e o burro. In: *Histórias da Tradição Sufi*. Rio de Janeiro: Dervish, 1993, p. 147-151.

³ Não!!! É bom enriquecer o português com elementos estrangeiros! Temos contato com a diversidade das expressões e percepções de mundo! (nota da professora Rosie)

⁴ Esperamos que não, e oxalá não haja no futuro mais escravos de tipo algum. Lutemos para isso. (nota da professora Rosie)

Enfim, eu não entendi por que um jovem que depois de 20 anos conseguiu voltar a seu aspecto humano depois de ter sido um burro peludo tinha esse poder de mandar comprar outro burro para Noor-Chusham e ordenar que se distribuíssem roupa e comida para todos os pobres de Ispahan⁵, enquanto essa cidade já tinha um rei grande e nobre.

⁵ Ele era um príncipe de outro reino! (nota da professora Rosie)